

INDÚSTRIA DE CELULOSE E PAPEL DEMONSTRA RESILIÊNCIA EM MEIO A CENÁRIO ADVERSO

Setor dribla desafios do contexto interno e externo, registra bons resultados em 2021 e mantém fôlego para seguir atuando de forma competitiva diante das perspectivas e tendências para este e os próximos anos

POR CAROLINE MARTIN
Especial para *O Papel*

Deixando para trás os reflexos mais imediatos dos dois últimos anos atípicos vividos pela sociedade, 2022 carrega consigo certa estabilidade frente ao fator surpresa da pandemia de Covid-19. Embora os desafios já sejam melhor mapeados por todos, não deixam de existir e ainda trazer impactos ao ritmo da atividade econômica. De acordo com o relatório produzido pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), na edição especial do Informe

Conjuntural 2021-2022, a alta do PIB em 2021 – de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro cresceu 4,6% no ano passado, totalizando R\$ 8,7 trilhões – reverte a queda de 2020, mas não elimina os contratemplos trazidos pela crise e outros problemas estruturais da economia brasileira, fatores que determinam as perspectivas para este ano.

Conforme aponta o relatório da CNI, a indústria ainda sofre com problemas decorrentes da pandemia, como os de-

sarranjos nas cadeias produtivas, que resultam em escassez de insumos e matérias-primas e elevações de preços no mundo inteiro. Além disso, setores que dependem do consumo das famílias seguem impactados pelo alto nível de desocupação e da corrosão da renda pela inflação. Toda essa conjuntura tende a afetar o ritmo de atividade econômica em 2022, especialmente no primeiro semestre do ano. “A expectativa era de um início de ano bastante difícil por conta de problemas que já vinham sendo enfren-



DIVULGAÇÃO SUZANO

mica que esperávamos para os preços. Da mesma forma, as sanções, novas incertezas e mesmo os reflexos da elevação de preços já promovem novo estresse sobre as cadeias de suprimentos, prejudicando a dinâmica que esperávamos, senão de forma disseminada, ao menos em alguns insumos importantes.”

Ainda haverá uma diferença expressiva entre o crescimento econômico do Brasil e o do mundo. “Estamos enfrentando mais dificuldades, se compararmos a nossa situação com a de outros países. O nosso ritmo de crescimento tende a continuar com a mesma dinâmica de anos anteriores, fazendo com que o crescimento do restante do mundo siga apresentando um ritmo mais acelerado do que o do Brasil”, sinaliza Azevedo.

O fato de os desdobramentos acerca da economia brasileira indicarem um desempenho de patamar similar ao atual não impede que os produtores, sejam os mais dedicados ao mercado nacional ou aqueles mais focados ao mercado externo, atuem de forma competitiva, tomando as melhores decisões dentro de seus negócios, considerando a previsibilidade do cenário no qual estão envolvidos.

Marcio Funchal, fundador da Marcio Funchal Consultoria, avalia que este ano e o próximo tendem a ser desafiadores, também pela conjuntura internacional. “Temos um panorama mundial de insta-

bilidade ainda em decorrência do intervencionismo estatal na vida das pessoas (passaportes sanitários, impressão de moeda e outras medidas coercitivas), cenário que acabou por tirar dos holofotes a trágica situação fiscal das grandes economias mundiais e a instabilidade social e outras tantas. Já começamos o ano com conflito bélico do leste europeu, guerra esta que não se consegue ter clareza, até o presente momento, de sua duração, intensidade e consequências sociais, políticas e macroeconômicas. Há sérios riscos de crise energética na Europa, em adição ao forte crescimento dos preços de energia elétrica no hemisfério norte, fato que já ocorreu em 2021, mas que pode se agravar em 2022; há a possibilidade de novos picos de preços de petróleo; há tensões sobre a estabilidade do dólar e as consequências sobre os mercados e transações de globais; há risco de migração mundial de investimentos em razão das políticas de juros do FED e bancos centrais europeus, há riscos de crise de rompimento de bolha de preços no mercado imobiliário chinês, com consequência de investidores institucionais e bancos ao redor do mundo, dentre outros elementos potencialmente preocupantes para 2023, como o anunciado Grande Reset do Fórum Econômico Mundial”, enumera ele.

Com um contexto tão complexo, segue Funchal, as empresas brasileiras deverão

tados ao longo de 2021, mas que seguem muito presentes no contexto atual, sejam pelas restrições da oferta por conta do gargalo relacionado aos insumos ou pela dificuldade das famílias, cercadas pelas incertezas do cenário da pandemia, pela alta desocupação e pelo poder de renda baixo. Tal cenário se agravou com a guerra na Ucrânia”, resume Marcelo Azevedo, gerente de Análise Econômica da CNI.

Destrinchando o tema, Azevedo esclarece que a tendência para o decorrer do ano era que esses entraves se dissipassem, o que se frustrou com o conflito no leste europeu. “A guerra afeta dois dos motores que projetávamos e que auxiliaria a melhor dinâmica da economia em 2022: inflação e cadeia de suprimentos. Tudo depende, claro, da duração do conflito. Contudo, os efeitos nos preços de commodities já são sentidos e pioram a dinâ-



MIGUEL ANGELO/CNI

“O nosso ritmo de crescimento tende a continuar com a mesma dinâmica de anos anteriores, fazendo com que o crescimento do restante do mundo siga apresentando um ritmo mais acelerado do que o do Brasil”, sinaliza Azevedo



“A indústria como um todo tem investido na transformação da cadeia, dando destaque ao potencial do setor de árvores cultivadas não só à fabricação de embalagens de papel como de novas soluções para o dia a dia”, ressalta Fonseca Jr.

manter a estratégia atual de preservação de caixa (gestão eficaz de tesouraria, revisão do portfólio de dívidas e adequação do nível de exposição de risco do capital de curto e médio prazos), juntamente com a consolidação dos investimentos já contratados e em andamento.

Cenário é vantajoso para concretização de bioinvestimentos

Direcionando o olhar aos fatos que devem pautar a indústria de base florestal em 2022, identifica-se o desenrolar de algumas tendências mais específicas desde o início da pandemia. Uma das principais diz respeito à diminuição do uso do plástico. “A indústria como um todo tem investido na transformação da cadeia, dando destaque ao potencial do setor de árvores cultivadas não só à fabricação de embalagens de papel como de novas soluções para o dia a dia. A pandemia acelerou processos e, hoje, a busca por produtos mais sustentáveis já é uma realidade. Atualmente, as embalagens de papel são uma opção que dialoga com esta necessidade de produtos mais verdes”, ressalta José Carlos da Fonseca Jr., diretor executivo da Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ).

Os investimentos em tecnologia e Pesquisa & Desenvolvimento continuam em expansão com máquinas e inovações para o desenvolvimento de embalagens de

papel com barreiras de gordura, superfícies que permitam maior durabilidade e segurança do alimento. “Já está em fase avançada de estudos para, a partir da nanocelulose, por exemplo, criar barreiras biodegradáveis para gases e líquidos. Isso significa que pequenas camadas de plástico ou alumínio poderão ser substituídas, aumentando a reciclabilidade e biodegradabilidade dos produtos. Neste sentido, a Klabin, por exemplo, investiu na *startup* israelense Melodea para que a nanocelulose seja objeto de pesquisas aprofundadas”, informa Fonseca Jr. “Em outro exemplo a partir da nanocelulose, também teremos tecidos que utilizarão ainda menos re-

ursos naturais e outros insumos em seu processo produtivo. A Suzano investiu 22 milhões de euros na *startup* finlandesa Spinnova para que sejam fabricados fios têxteis com diminuição de uso de água e químicos em até 90%”, completa.

Na esteira de uma sociedade mais consciente e em busca de soluções verdadeiramente sustentáveis, é importante frisar que o setor têxtil passou a ser um dos beneficiados pela indústria de árvores cultivadas. “Com muita ciência e tecnologia aplicadas, a celulose solúvel já se mostra uma solução eficiente para tecidos com menos impactos à natureza. A matéria-prima dá origem à viscose, uma alternativa sustentável, que substitui fios de poliéster, de origem fóssil. Atualmente o material já responde por 7% do *market share* global de tecido”, sublinha Fonseca Jr., lembrando que o Projeto Star, da Bracell, visa à fabricação de celulose solúvel e tradicional, com base em uma linha produtiva no interior de São Paulo, enquanto o projeto da LD Celulose, *joint venture* entre a austríaca Lenzing e a Dexco, será exclusivamente dedicado à celulose solúvel, com uma planta em Minas Gerais.

Segundo levantamento da IBÁ, o setor apresenta bioinvestimentos na ordem de R\$ 63,2 bilhões até 2024. Direcionado para florestas, novas fábricas e expansões, o montante contempla projetos e ações que caminham rumo ao desenvolvimento sustentável, com o objetivo de



Setor apresenta bioinvestimentos de R\$ 63,2 bilhões até 2024. Direcionado para florestas, novas fábricas e expansões, o montante contempla projetos e ações que caminham rumo ao desenvolvimento sustentável, com o objetivo de reduzir os impactos ambientais e construir uma economia de baixo carbono

reduzir os impactos ambientais e construir uma economia de baixo carbono. “Todos esses esforços demonstram que este é um setor que navega dentro do mais moderno conceito de bioeconomia há anos. Se a retomada será verde, esta agroindústria pode ser uma das conexões do hoje com um amanhã mais sustentável”, reforça Fonseca Jr.

Os reflexos mais sentidos pelo setor em 2021 e os desdobramentos previstos para 2022

De acordo com os dados apresentados na edição mais recente do Boletim Cenários IBÁ, a produção brasileira de celulose bateu recorde em 2021, ao chegar a 22,5 milhões de toneladas, avanço de 7,4% em relação a 2020. As exportações da commodity atingiram 15,6 milhões de toneladas em 2021, com uma variação de avanço de 0,4% em relação ao ano anterior.

Voltando os olhos ao retrovisor para fazer uma análise mais aprofundada, é possível constatar que 2021 foi um ano desafiador para os *players* brasileiros. Os fabricantes de celulose de fibra curta, que atuam focados na exportação, com mercados consolidados e de longo prazo, tiveram na trajetória do câmbio um aspecto relevante, uma vez que permitiu um importante aumento de caixa. Contudo, esclarece Funchal, é válido frisar que boa parte das dívidas de curto e médio prazos também está atrelada à moeda estrangeira. “Caso a gestão do portfólio da dívida não tenha sido adequadamente gerenciada, o resultado pode ser uma piora da situação financeira global da empresa”, diz.

A volatilidade do preço da celulose de fibra curta foi mais um aspecto marcante de 2021. “O ano começou com aumentos de preço significativos para celulose de todos os *grandes* devido a um forte desarranjo na cadeia logística. Vimos a tonelada de celulose de fibra curta começar 2021 por volta de US\$ 500, chegar a bater US\$ 780 em maio, cair para US\$ 640 em agosto e voltar a US\$ 550 em novembro”, relata Thiago Lofiego, analista sênior responsável pelos setores de Papel e Celulose e Siderurgia e Mineração do Bradesco BBI,



ARQUIVO PESSOAL

Lofiego informa que os papeleiros chineses estão rodando com níveis de estoque de celulose e de produtos acabados muito baixos. Somado à baixa disponibilidade de celulose, isso está fazendo com que os papeleiros queiram reestocar celulose

definindo o ano passado como um período volátil, com o fundamento do mercado bastante errático, a partir de comportamentos atípicos, tanto do lado da oferta quanto da demanda.

Já este ano começou num tom forte de aumento de preço. “Temos visto os produtores de celulose aumentando preço desde o final do ano passado. O primeiro ponto importante neste cenário relaciona-se à oferta de curto prazo. Temos acompanhado algumas greves inesperadas na Finlândia e entraves logísticos no Canadá. Outra questão logística relevante está relacionada ao frete marítimo, que continua sendo um fator de pressão para preço de celulose e que tende a demorar para ser normalizado”, enumera Lofiego os fatores que vêm impactando o lado da oferta.

Ainda abordando a questão da oferta de celulose de fibra curta, Lofiego pontua que participantes de mercado demonstravam preocupação com as adições de capacidade em 2022. Porém, desde meados de 2021, Lofiego já vinha apontando que a oferta de celulose neste ano não deveria ser um grande fator de preocupação, principalmente por conta de atrasos dos projetos da Arauco e da UPM, assim como a provável conversão de parte relevante da produção da Bracell para celulose solúvel. “Tanto os *startups* quanto os *ramp-ups* desses projetos estão apresentando um

cronograma mais lento do que o almejado. Além disso, esperamos que a Bracell foque no mercado de celulose solúvel a partir do segundo trimestre. Como reflexo, a oferta deste ano está contribuindo com menos tonagem do que se esperava.”

Sobre a demanda, Lofiego informa que os papeleiros chineses estão rodando com níveis de estoque de celulose e de produtos acabados muito baixos. “Somado à baixa disponibilidade de celulose, isso está fazendo com que os papeleiros queiram reestocar celulose. Então a reestocagem de celulose deve representar um delta importante para a demanda aparente neste ano.” Ampliando ao comportamento da demanda em outras regiões, ele explica que a Europa vem se destacando como um mercado mais forte pela questão logística, enquanto os Estados Unidos seguem no ritmo forte apresentado nos últimos anos.

Neste contexto, o preço da celulose de fibra curta tem tudo para ultrapassar os US\$ 700 nos próximos meses e fixar uma média entre US\$ 650 e US\$ 700 por tonelada em 2022, o que é um patamar muito mais alto do que os participantes de mercado projetavam. “Devemos conferir uma volatilidade bem menor do que a vista em 2021, com preços se sustentando em patamares mais altos por mais tempo. Isso faz a gente acreditar que o cenário de



FABIANO PANIZZI

Em 2022, devemos conferir uma volatilidade bem menor do que a vista em 2021, com preços da celulose de fibra curta se sustentando em patamares mais altos por mais tempo

2022 é mais saudável do que o de 2021, primeiro pela média de preço mais alta e segundo porque a volatilidade de preço menor automaticamente traz uma previsibilidade de fluxo de caixa para as empresas”, conclui Lofiego.

A invasão russa em direção à Europa desponta como um ponto de alerta, já que está impactando o ritmo da retomada dos mercados globais da maioria dos produtos transacionados atualmente. “Já temos visto elevação de commodities importantes, como petróleo e gás, que certamente levarão ao aumento de preços em diversas outras cadeias produtivas. Os sinais

de estrangulamento logístico de navios nos principais portos mundiais permanecem desde o ano passado, com acúmulo de mercadorias e elevação do custo operacional de processamento de cargas em todos os tipos de rotas comerciais e modelos de transporte. A própria retomada gradual da economia mundial pós-crise sanitária global já está comprometida”, contextualiza Funchal. “Estes fatores, em conjunto, certamente impactarão o comportamento do mercado internacional de celulose de fibra curta, demandando assim atenção redobrada das empresas com operação no Brasil”, sinaliza.

Estendendo o enfoque ao comportamento do preço da celulose de fibra longa, ao longo de 2021, Carlos José Caetano Bacha, professor titular da ESALQ/USP, informa que o primeiro semestre do ano passado foi marcado por uma alta, mas, no segundo semestre houve queda. Em dezembro último, a celulose de fibra longa foi negociada a US\$ 760 na China, US\$ 1.260 na Europa e US\$ 1.450 nos Estados Unidos.

Funchal lembra que o mercado de celulose de fibra longa é tipicamente interno, embora parte dos produtos fabricados com ela, papéis para embalagem, também seja exportada, a exemplo da sacaria de cimento. “Este setor produtivo tem impactos mais diretos e perceptíveis, uma vez que sua produção está mais próxima do consumidor final do que os fabricantes de celulose branca. Assim, viu-se no mercado de embalagens de papel e papelão, ao longo de 2021, um *rally* entre aumentos e reduções mensais de produção, acompanhando as oscilações dos mercados de linha branca, componentes e peças da indústria metalmeccânica e de alimentos, principalmente. Este setor, por sua vez, viu um forte crescimento dos custos gerais de fabricação com energia elétrica, fretes e matéria-prima”, analisa.

A retomada do crescimento econômico esperada para este ano deve fazer os preços da celulose de fibra longa volta-

ARQUIVO PESSOAL



Na análise de Funchal, a invasão russa em direção à Europa desponta como um ponto de alerta, já que está impactando o ritmo da retomada dos mercados globais da maioria dos produtos transacionados atualmente

rem a crescer no segundo semestre de 2022, conforme adianta Bacha. Já a taxa de câmbio deve manter-se no patamar de R\$ 5 a R\$ 5,5 até a eleição de outubro.

Partindo para segmento de imprimir e escrever, Funchal aponta que esse tipo de papel tem apresentado retração de vendas ano a ano, muito em resposta ao novo perfil do consumidor, que leva a uma redução do mercado editorial impresso a partir da migração para o eletrônico, e a outros desafios setoriais, a exemplo do custo de fabricação.

A flexibilização da pandemia vista no decorrer de 2021, no entanto, fez com que escolas, escritórios e comércios comesçassem a retomar as atividades presenciais. Consequentemente, o mercado de celulose e papel foi demandado, incluindo o segmento de imprimir e escrever. Dados do último Boletim Cenários IBÁ informam que a produção de papéis de imprimir e escrever totalizou 2,3 milhões de toneladas em 2021, valor que representa uma variação de 11,7% em comparação a 2020.

Para este ano, a expectativa é de que a eleição incremente a demanda do segmento de imprimir e escrever. O retorno gradual do trabalho presencial em comércios e escritórios deve despontar como outro fator contribuinte para o desempenho dos fabricantes desse tipo de papel.

O primeiro semestre de 2021, ainda com restrições importantes de deslocamento, e o segundo, com abertura dos centros de comércio e crescimento em serviços, representou reflexos diferentes ao segmento de embalagem. “No primeiro semestre tivemos seis meses consecutivos de recordes de expedição de embalagens, crescendo 13,6% em comparação ao mesmo período de 2020. Após novo recorde em julho, o segundo semestre terminou com recuo de 3,7%, alinhado, mas em comparação com o semestre de 2020 muito forte”, informa Gabriella Michelucci, presidente do conselho da Associação Brasileira de Embalagens em Papel (Empapel).

Outro fato importante de 2021, pontua Gabriella, foi o enfrentamento do setor frente ao segundo ano da pandemia, ainda crítico. “Com a manutenção dos protocolos de segurança mantivemos todas as



ARQUIVO PESSOAL

A retomada do crescimento econômico esperada para este ano deve fazer os preços da celulose de fibra longa voltarem a crescer no segundo semestre de 2022, conforme adianta Bacha

operações em funcionamento, atendendo à demanda forte de 2021, garantindo assim, o abastecimento de toda indústria.” Segundo ela, o crescimento de 4,3% no fornecimento de embalagens está sendo comemorado. “O setor foi desafiado pela inflação, além de ter sido impactado pela menor oferta de insumos e materiais pela demanda global. Esse cenário demandou bastante a indústria de embalagens na questão dos custos. Frente a isso, o segmento precisou repassar seus custos, trazendo sustentabilidade e capacidade aos fabricantes para abastecer o mercado.”

Também fazendo um retrospecto dos fatos que cercaram o segmento de embalagem em 2021, Pedro Vilas Boas, diretor da Anguti Estatística, informa que o primeiro semestre do ano ainda foi marcado pela escassez de aparas, o que obrigou os produtores de papel a promoverem importações do material. “Mas a quantidade importada foi superior à necessária para regular o mercado. Como consequência, no segundo semestre do ano, tivemos uma regularização no abastecimento das aparas nacionais, em paralelo a um enfraquecimento nas vendas das embalagens de papelão ondulado, o que provocou e ainda está provocando uma forte baixa no preço da matéria-prima”, esclarece.

Ainda de acordo com Vilas Boas, a exportação de papéis de embalagem em 2021 ficou 9% acima da verificada em 2020. “Um bom resultado, embora tenha sido limitado pelo forte crescimento na

demanda interna”, avalia ele, sublinhando que as exportações deverão apresentar um forte crescimento neste ano, em função de um mercado internacional favorável e da existência de novas capacidades de produção voltadas para exportação. “As exportações de kraftliner em janeiro deste ano foram de 37,1 mil toneladas, com um aumento de 165% em relação ao total exportado em janeiro de 2021”, exemplifica, citando os números da Secex.

Trazendo o olhar para mais pontos positivos além da resiliência e do compromisso do setor, Gabriella lembra que as embalagens de papel e papelão ondulado estão sendo demandadas para criar alternativas sustentáveis em substituição a outros materiais de embalagens. “No funil da inovação, os fabricantes estão desenvolvendo projetos 100% de fonte renovável para atender à necessidade dos consumidores, incluindo papéis, barreiras e demais insumos. Sacolas, copos, bandejas de papel, sacaria de papel para alimentos já são realidade. Podemos avançar muito mais, sempre com uso racional das fibras”, aponta.

Neste contexto, o e-commerce segue tendo relevância. “Com a reabertura econômica, o retorno dos gastos dos consumidores com serviços, viagens e experiências em restaurantes, por exemplo, o ritmo do crescimento das vendas no setor no Brasil reduziu, mas mantém crescimentos expressivos para os próximos anos. Em 2022, a projeção é de 27% de crescimento, segundo a fonte EBIT, o que

DIVULGAÇÃO EMPAPEL



“No funil da inovação, os fabricantes estão desenvolvendo projetos 100% de fonte renovável para atender à necessidade dos consumidores, incluindo papéis, barreiras e demais insumos. Sacolas, copos, bandejas de papel, sacaria de papel para alimentos já são realidade. Podemos avançar muito mais, sempre com uso racional das fibras”, aponta Gabriella

demandará forte necessidade de embalagens de papelão ondulado. “A FGV vem acompanhando junto aos fabricantes de papelão ondulado a expedição de embalagens para e-commerce, mas ainda é um trabalho embrionário”, comenta Gabriella.

Contribuindo com a análise do cenário que deve envolver o setor de embalagem em 2022, Rafael Barisauskas, economista da América Latina da Fastmarkets RISI, destaca que a procura por papelão corrugado oriunda dos setores de alimentos e bebidas deve sustentar o crescimento do consumo interno e a expedição de caixas de papelão ondulado. “Estes segmentos possuem duas características ímpares que reforçam seu papel de sustentação da de-

manda. Primeiro, os setores representam bens essenciais, ou seja, bens cujo consumo se mantém estável ou registra ligeiras quedas frente a eventuais quedas na renda das famílias. É normal que consumidores ajustem seu padrão de consumo, buscando por marcas ou opções mais em conta, mas ainda assim, devem continuar a consumir. A segunda característica está ligada à forte presença destes bens na pauta exportadora brasileira. Os rendimentos das exportações de comida (proteína animal, frutas, verduras e laticínios) brasileira subiram acima de 20% em média em 2021, e são quase 50% superiores aos vistos antes do início da pandemia. Em outras palavras, o Brasil está exportando mais bens

que usam embalagens corrugadas e, portanto, consumindo mais papelão ondulado no mercado interno.”

O conflito entre Ucrânia e Rússia e os desdobramentos sobre o mercado global de commodities tendem a reforçar esta última tendência, conforme detalha Barisauskas. “Com o aumento dos preços globais de commodities, não só alimentos, e de energia, é natural que se torne ainda mais atrativo para exportadores brasileiros enviarem seus volumes a mercados externos, consumindo, portanto, mais papel ondulado. Ainda que num primeiro momento o volume de embarques de proteína animal caia com possíveis sanções feitas ao mercado russo, a remuneração das exportações deve seguir atrativa o suficiente para estimular vendedores brasileiros a buscarem novos mercados para seus produtos.”

Ainda de acordo com Barisauskas, é válido ponderar que o cenário para a demanda por bens de consumo (roupas, móveis, eletrodomésticos, itens de higiene e limpeza, hobbies, lazer etc.) segue muito desafiador no mercado brasileiro. “O elevado nível de desemprego, o aumento na desigualdade social e a baixa perspectiva de geração de empregos em 2022 pesam contra a retomada de um consumo mais amplo por parte das famílias, tal qual se via antes do início da crise econômica em 2015. Com um cenário já deteriorado, o nível da demanda familiar foi ainda mais erodido com o início da pandemia desde 2020 e com a escalada da inflação, em 2021”, justifica. “Um fator importante de risco para este panorama está ligado a uma escalada ainda mais rápida da inflação doméstica, acompanhando uma maior inflação global em virtude do conflito entre Ucrânia e Rússia. Baixo crescimento econômico aliado à inflação chama-se estagflação, fator que certamente deverá piorar ainda mais o padrão de vida dos brasileiros”, adiciona.

O economista da América Latina da Fastmarkets RISI ressalta que não existem soluções ou programas que visem reduzir a desigualdade econômica no curto prazo, nem tampouco gerar emprego e renda suficiente para observarmos um novo estou-

DIVULGAÇÃO SK



Segundo a EBIT, a projeção de crescimento do e-commerce é de 27% neste ano, o que demandará forte necessidade de embalagens de papelão ondulado

ro de consumo. “E, seguramente, a inflação deve seguir alta no Brasil assim como nos demais mercados globais, por conta de fatores internos e externos, alheios à vontade brasileira”, avalia. “Apesar de tantos entraves, a resiliência do segmento de papelão ondulado frente à queda na renda das famílias é surpreendente, e deve ser o principal fator de sustentação de demanda em 2022”, reforça.

A indústria de papéis de fins sanitários enfrentou problemas no ano passado, conforme explica Vilas Boas. A produção total do setor fechou o ano em 1,43 milhão de toneladas, com queda de 1,5% em relação a 2020. “A nova onda da Covid-19 não trouxe, como na primeira, aumento no consumo de papéis. Na verdade, apresentou retração, criando uma condição de vendas fracas e que foi ainda mais agravada pelos aumentos nos custos de produção e de logística, com fortes reajustes no preço da celulose, energia elétrica, combustíveis, que impactaram o segmento principalmente no primeiro semestre.”

O diretor da Anguti Estatística informa que as exportações de papéis de fins sanitários totalizaram 66 mil toneladas em 2021, ficando 29,9% acima do volume de 2020. “E, considerando que as importações totalizaram 11,9 mil toneladas, tivemos uma saída líquida do País de 54,1 mil toneladas de papéis de fins sanitários de todos os tipos, com forte predominância dos jumbo rolls, que representaram 61,7% do total encaminhado ao exterior.”

Ainda de acordo com os esclarecimentos de Vilas Boas, é importante considerar que o produto enfrenta altos custos logísticos em função de seu baixo peso e seu mercado natural é a América Latina ou os chamados países de fronteira seca. Em 2021, o principal destino foi o Chile, que recebeu 25% do total exportado.

Sobre 2022, Vilas Boas afirma que é difícil prever o que pode acontecer – ainda mais agora, com os impactos na economia mundial que estão acontecendo em função da invasão na Ucrânia, e lembrando que se trata de um ano eleitoral, fator que, por si só, já traz reflexos ao cenário



ARQUIVO PESSOAL

Barisauskas destaca que a procura por papelão corrugado oriunda dos setores de alimentos e bebidas deve sustentar o crescimento do consumo interno e a expedição de caixas de papelão ondulado

econômico. “Neste ano, teremos uma eleição fortemente polarizada, o que deve impactar ainda mais a economia”, sublinha. “Certo é que o primeiro mês do ano não foi bom, mas, o programa de auxílio emergencial, em um primeiro momento, aparentemente, permitiu aos beneficiários diminuir suas dívidas, o que permite acreditar que, em um segundo momento devem ir às compras o que, se de fato ocorrer, deve melhorar o desempenho do segmento de tissue”, completa.

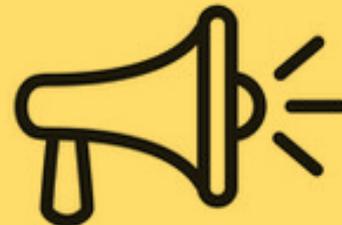
Assim como as aparas marrons, as aparas brancas estão com preços em queda, embora possam apresentar altas no segundo semestre. Por outro lado, salienta Vilas Boas, a celulose tende a manter

seus preços em dólar estáveis e não deve representar problema para os fabricantes de tissue, principalmente se o Dólar mantiver um valor estável frente ao Real – ou melhor ainda, como aconteceu em fevereiro, perder valor frente à moeda nacional. “A atenção deve ficar com os preços internacionais do petróleo que, tudo indica, continuarão em alta e poderão impactar tanto o segmento tissue quanto o de embalagem”, situa. “Com relação à energia elétrica, as recentes chuvas na Região Sudeste já permitem acreditar que a necessidade de manter as usinas térmicas operando deixará de existir e seus preços devem aumentar menos do que a inflação do ano”, finaliza. ■



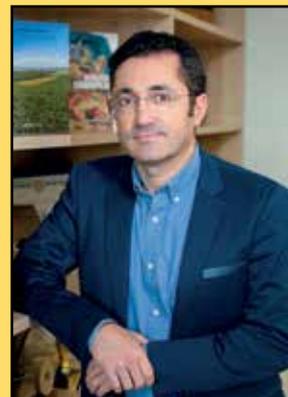
ARQUIVO PESSOAL

Vilas Boas informa que, assim como as aparas marrons, as aparas brancas estão com preços em queda, embora possam apresentar altas no segundo semestre deste ano



COM A PALAVRA, OS EXECUTIVOS À FRE

“No ano passado, a CMPC registrou muitas conquistas. A persistente pandemia da Covid-19 tornou todos nós, empresas e *stakeholders*, mais exigentes e atentos aos protocolos de saúde como forma de nos preservar. Mesmo com todas as limitações, mantivemos a nossa planta de Guaíba trabalhando a pleno e seguimos executando tudo o que temos planejado. Pela primeira vez na história da CMPC no Brasil, superamos a marca dos 2 milhões de toneladas de produto vendável de celulose e papel, tornando 2021 o ano de melhor resultado na unidade. De olho no futuro, lançamos importantes iniciativas norteadas pelos pilares de ESG. Lançado em agosto de 2021, o projeto BioCMPC foi apresentado como uma iniciativa voltada para melhorar ainda mais nossos indicadores de sustentabilidade e de performance, tornando a unidade industrial de Guaíba uma referência nacional. Também no ano passado, estruturamos o programa RS+Renda, que surge como uma oportunidade para que comunidades rurais possam, por meio do fomento florestal, integrar nossa cadeia de fornecimento de matéria-prima e garantir rendimentos. O momento para o setor de árvores cultivadas é de seguir como protagonista das práticas de ESG e do desenvolvimento sustentável no Brasil. Da parte da CMPC, estamos constantemente evoluindo e trabalhando para alcançar um nível cada vez maior de excelência em nossos processos. Essa orientação para a melhoria contínua nos convida a encararmos metas ousadas e resultados motivadores a cada ano. Com o RS+Renda, temos a expectativa de ampliar nossa base florestal em 15 mil hectares ainda em 2022. Na operação industrial, já atingimos um recorde mensal de produção neste ano e esperamos superá-lo novamente em outras oportunidades. Daremos continuidade às obras de modernização do BioCMPC, que se estendem até o final de 2023. Com tudo isso, acreditamos que, mesmo com todas as incertezas que orientam o mercado, teremos um período de muito sucesso pela frente.”



DIVULGAÇÃO CMPC

Mauricio Harger, diretor-geral da CMPC no Brasil

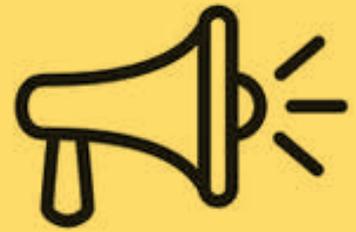
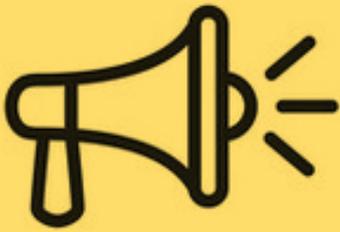
“Em 2021, a Suzano teve um desempenho bastante positivo, sendo um dos melhores anos da história da companhia e com avanços importantes na estratégia de negócios. Foi um período favorável e, apesar da inflação de custo ao longo do ano, fomos beneficiados com o câmbio e o preço da celulose. Um dos nossos marcos foi a aprovação da construção de uma nova fábrica no Mato Grosso do Sul, unidade que demandará investimento de R\$ 19,3 bilhões e ampliará em mais de 20% a nossa atual capacidade de produção de celulose. Além disso, também lançamos a nossa meta de biodiversidade, que prevê conectar meio milhão de hectares dos biomas da Amazônia, Mata Atlântica e Cerrado até 2030. Hoje o mercado de celulose está em plena ascensão e velocidade, tanto pelo consumo tradicional que conhecemos quanto pelos novos usos da celulose para substituir plástico e combustíveis fósseis, por exemplo. Como maiores produtores de celulose do mundo, vemos muitas oportunidades nesse cenário e queremos continuar ampliando a nossa produção. Para 2022 e os próximos anos, nossa expectativa é nos mantermos como protagonistas desse mercado em expansão, avançando

também em programas e projetos para cumprir com os nossos ‘Compromissos para Renovar a Vida’, um conjunto de 15 metas de longo prazo, entre elas a captura de 40 milhões de toneladas de carbono da atmosfera até 2025 e a retirada de 200 mil pessoas da linha da pobreza em nossas áreas de atuação até 2030.”

Marcelo Bacci, CFO da Suzano



DIVULGAÇÃO SUZANO



NTE DE GRANDES EMPRESAS DO SETOR

“O setor industrial sofreu os impactos da pandemia nos últimos dois anos. Os efeitos são sentidos até hoje e o mundo ainda busca soluções para superar esse momento. Neste cenário, com 123 anos de história, acredito que a resiliência é um traço marcante na Klabin. Iniciamos 2021 preparados para atender às demandas do mercado, que permaneceram sólidas, e seguir oferecendo itens de primeira necessidade, essenciais para os brasileiros. Como resultado, alcançamos o 12.º ano consecutivo de crescimento em nosso EBITDA Ajustado, comprovando a eficiência de nosso modelo de negócios integrado, diversificado e flexível. Além disso, conquistamos marcos importantes, como o *startup* da primeira máquina de papel do Projeto Puma II, que iniciou a produção do inovador Eukaliner®, o primeiro kraftliner do mundo feito 100% de eucalipto, e o novo terminal de contêineres no Paraná, assim como avançamos no desenvolvimento de soluções mais sustentáveis e na implementação de tecnologias verdes em nossa operação. Neste período, reforçamos nosso propósito de trabalhar em prol de uma economia sustentável, que prioriza a prosperidade do planeta e a criação contínua de valor para investidores, colaboradores, parceiros de negócio e sociedade. Conquistamos a categoria ‘Triple A’ do CDP, destacando a nossa atuação para os temas gestão hídrica, florestas e mudanças climáticas, que também reconheceu a Klabin como Supplier Engagement Leaderboard, e renovamos a nossa presença no Índice Dow Jones de Sustentabilidade, nas carteiras World e Emerging Markets. Além disso, seguimos, pelo nono ano consecutivo, na carteira anual do Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE), da B3. Tivemos, ainda, uma relevante participação na COP26 e em toda a sua preparação, por meio do COP26 Business Leaders, recebendo a importante missão de disseminar a relevância do combate às mudanças climáticas entre o setor privado e debater as pautas do evento. Em linha com o desempenho dos últimos anos, nossas perspectivas para 2022 são positivas. Estamos vivendo um importante ciclo de crescimento e seguiremos trabalhando nossa capacidade de capturar as oportunidades de mercado. Anunciamos em fevereiro um investimento de R\$ 188 milhões na expansão da nossa unidade de produção de embalagens de papelão ondulado, localizada em Horizonte, no Ceará, reforçando nossa estratégia de mercado. Além disso, acredito que os grandes desafios que enfrentamos estão impulsionando progressos significativos relacionados à economia, ao clima, aos negócios, à responsabilidade social, saúde e governança, e iremos seguir com atuação direta na construção de um futuro mais sustentável.”



DIVULGAÇÃO KLABIN

Cristiano Teixeira, diretor-geral da Klabin



DIVULGAÇÃO SK

“O ano passado foi um período de ótimos resultados para a Smurfit Kappa. No início de fevereiro de 2022, com a divulgação de resultados do Grupo, ficou evidente o desempenho da companhia no mercado de embalagens. Como Grupo, alcançamos um crescimento de 13% em EBITDA na comparação com 2020. Este resultado demonstra a força do modelo integrado, a qualidade do nosso negócio, a nossa eficiência operacional e o aumento da nossa diversidade geográfica e de produtos. No Brasil, a Smurfit Kappa vem apresentando crescimento desde que chegou no País, em 2015. Todos os investimentos que realizamos nesse período comprovam a consolidação da companhia no mercado nacional. De acordo com o que temos observado e acompanhado no mercado, 2022 deve continuar o ritmo acelerado de expansão de capacidade. Com certeza, iremos acompanhar esse movimento, mas, mais do que crescer, queremos gerar valor para os clientes, ajudando-os a aumentar seus negócios, colocar os produtos nas prateleiras e diminuir gastos, com o fornecimento de embalagens inovadoras e sustentáveis.”

Manuel Alcalá, CEO da Smurfit Kappa no Brasil